



## A HISTÓRIA DE UM ARRANJO

Eduardo Lakschevitz (setembro de 2020)

Era o final de 1984. Dois amigos, que já não se encontravam mais com frequência, conversavam sobre planos e ideias. Se conheciam há muito tempo. Cantaram juntos no coro infantil, foram colegas na Escola de Música, onde estudavam clarinete. Juntos formaram várias bandas na igreja que frequentavam, e participaram de muitos festivais de música (alguns até venceram). Eram jovens mas já tinham muitas histórias (e canções) para lembrar.

Um deles estava terminando o primeiro ano de Engenharia no ITA, o prestigioso Instituto, cuja aprovação no processo seletivo não passa de um sonho para uma grande parcela dos jovens brasileiros. Estudou durante um ano inteiro, de domingo a domingo, para conseguir sua vaga. Foi um exemplo de esforço recompensado.

Mas naquela conversa ele dizia que trancaria sua matrícula no ano seguinte, para estudar no Seminário Palavra da Vida. Seu amigo levou um choque com a notícia, mas não deixou transparecer. Ficou intrigadíssimo: “Como é que ele vai fazer uma coisa dessas? Será que não está pensando direito? Deixar de lado a perspectiva de uma carreira promissora, pela qual batalhou tanto, para ser pastor?” Esse que ouvia a notícia era um pouco mais novo, ainda cursava o segundo ano do Segundo Grau (hoje Ensino Médio), e ainda nem tinha ideia de que profissão ou carreira seguir.

E assim tomaram seus caminhos. Numa época onde a comunicação não era tão fácil como hoje em dia, um sabia notícias do outro só esporadicamente.

No ano seguinte, numa aula teórica sobre algum assunto que nada tinha a ver com música, o agora seminarista compôs um samba sobre a letra de um Salmo, mas só em pensamento. Não tinha instrumento em mãos naquele momento e nem sequer podia cantarolar a melodia que criou, para não deixar transparecer que, se seu corpo estava naquela sala, a cabeça estava longe. “Foi praticamente um download”, lembrou, anos mais tarde.

Passaram-se alguns anos e, em 1987 os amigos voltaram a se encontrar. Ody, já de volta ao seu curso no ITA e Eduardo, agora aluno de Música na UNIRIO. Numa reunião de amigos, de violão em mãos, Ody mostra o samba que compôs naquela aula, anos atrás. O *Salmo 40* logo cai “nas graças” do grupo de ouvintes pela fluência melódica, o encaixe perfeito de letra e melodia e pelo sabor sincopado do ritmo, ainda incomum na música religiosa brasileira.

No ano seguinte, Eduardo, regente de um coro de adolescentes, lembrou-se da canção e escreveu um arranjo especialmente para aquele grupo. A ideia de renovar o repertório coral para o culto protestante motivou o arranjo, a três partes com acompanhamento de piano. As melodias procuravam guardar uma tessitura que fosse apropriada à faixa etária daquele grupo. As onomatopéias nas vozes acompanhadoras (pá pá pá...), queriam lembrar a alegria da cantoria numa roda de samba. Mais tarde o arranjo foi publicado, com versões em português e inglês, e ganhou interpretações de muitos coros, no Brasil e no exterior.

Recentemente, com a febre dos coros online provocada pela pandemia, os dois amigos voltaram a conversar sobre o *Salmo 40*. Ody, executivo de uma grande indústria nos Estados Unidos, onde mora, e Eduardo, professor do Instituto Villa-Lobos da UNIRIO.

— Fala, meu amigo. Tudo certo? Dê uma olhada nesses links. O *Salmo 40* tá sendo cantado por vários grupos. Legal, né?

— Pois é. Como essa música rodou. Quem diria que ela pudesse viajar tanto... Obrigado por ter feito o arranjo.

— Imagina, quando a canção é boa, o arranjo fica fácil. O que eu acho mais legal é que cada grupo cria uma “versão própria”. Ao mesmo tempo em que mantém o arranjo, colocam um acompanhamento diferente, tanto na harmonia quanto na percussão, o que dá um caráter único para cada interpretação. E é cantada por gente de todas as idades, em coros de vários tamanhos e estilos.

— Estava lembrando de como a escrevi, só “de cabeça”. Na época estava aprendendo harmonia de MPB no violão com o Lamartine Posella, um músico sensacional que depois virou pastor e deputado federal. Era um samba meio bossa-novista, em lá maior. Mas você decidiu fazer o arranjo em dó, simplificou a harmonia, tirando a maior parte das dissonâncias, e deixou a melodia um pouco menos quebrada que o original. Acho que foi isso, juntamente com o arranjo coral, o que provavelmente gerou essa aceitação tão grande. Outra coisa que ajudou bastante foi a gravação do CD do Kolina. Divulgou um arranjo que as pessoas podiam copiar e/ou adaptar.

— Rapaz, essa conversa está me levando a uma “viagem” sobre esse trabalho. Primeiro, essa história mostra que arranjos vêm sempre de uma necessidade. No meu caso, provocada pela falta de material específico para coros daquela faixa etária, que mostrassem linguagem musical identificada com a MPB, como eu acreditava ser importante naquele momento. Então, eu mesmo tive que botar a cabeça pra funcionar e escrever o arranjo, o que é a realidade de muitos regentes no Brasil. Somos, na verdade, regentes-arranjadores. Nunca houve por aqui um mercado editorial organizado, que pudesse oferecer repertório para os vários tipos de coros.

— Mas você não publicou esse arranjo na Oficina Coral?

— Sim, foi uma tentativa que fiz de entrar nesse ramo, que, como disse, não existia. Criei uma editora e comecei a publicar música de coro, a princípio com foco em peças religiosas. Acho que foi entusiasmo da juventude temperado pelo que vi nos Estados Unidos durante o meu Mestrado. Comercialmente, a ideia não deu certo. Temos cultura e valores diferentes, o que eu não levei em consideração. Mas, como tudo na vida, foi um grande aprendizado.

Mas voltando ao arranjo, eu, regente coral, aprendi desde cedo que escrever música, adaptar, arranjar (e muitos anos mais tarde, até compor) são parte do meu trabalho. Afinal de contas, um arranjo é algo objetivo, que se escreve para um grupo específico, levando-se em conta suas dificuldades e seu potencial. E, como regente, sou eu quem melhor conhece as particularidades do meu grupo. Mas só isso não basta. O *métier* é importante; o domínio das ferramentas, que não “aparece”, simplesmente, da noite para o dia. No meu caso foi um caminho forjado pela formação que tive (e que continuo buscando): aulas de contraponto, análise, harmonia, história da música, instrumento etc. Mesmo que não guardassem relação exata com a música coral, essas aulas me ajudaram muito, junto com a curiosidade de ouvir e observar outros coros, regentes e repertórios.

Esse arranjo do *Salmo 40* tem duas versões. A primeira foi essa de que falo, que continha, na notação, o máximo de detalhes do suíngue rítmico. Mesmo que isso significasse maior dificuldade na leitura, eu achava que era importante escrever todas essas sutilezas rítmicas relacionadas ao suíngue (talvez por um perfeccionismo de notação que, mais tarde, questioneei). Na verdade, esse estilo já está “no sangue” daqueles meninos e meninas, tanto que, no acompanhamento escrevi somente as cifras, porque tínhamos instrumentistas também muito familiarizados com o estilo. Um cuidado especial era necessário com relação à tessitura. Um coro formado por adolescentes, de 12 a 18 anos, tem características vocais muito particulares. Por isso, escrevi em dó, para trazer conforto vocal e explorar as regiões mais brilhantes de suas vozes.

Engraçado é que hoje em dia eu penso um pouco diferente sobre essa questão. Em 2001 convidei o regente inglês Bob Chilcott para dar um curso aqui no Rio. Lembro até hoje de muitas coisas que ele disse. Uma delas foi a importância de procurarmos manter, no arranjo, a tonalidade original de uma peça. “Cada música”, dizia ele, “entra no inconsciente coletivo por uma série de razões, e a tonalidade é uma delas. Ao mudá-la no arranjo, você está tirando parte de seu potencial expressivo”. Tenho sempre essas palavras em mente ao escrever arranjos corais. Mas olhando para esse *Salmo 40*, acho que a música se espalhou mais na versão coral, em dó, como você mesmo lembrou, o que, de certa forma, inverteu o argumento do Bob.

Mas a versão que mais se popularizou foi a que editei pela Oficina Coral. Publicada para ser cantada por outros coros, que eu não conhecia. E outros objetivos geram outras preocupações. Aqui optei por não transcrever as sutilezas rítmicas do suíngue, pois o ideal

organizando a

# Cantoria

é entender o estilo e incorporá-lo na interpretação. Como a peça foi cantada também nos EUA, onde regi algumas vezes (há até gravações por alguns grupos universitários americanos), uma notação muito intrincada de certa forma atrapalharia a fluência interpretativa. Dessa vez também escrevi na partitura o acompanhamento para piano. Sempre pensando em algo funcional e fácil (nessa caso, minha grande dificuldade com o instrumento facilitam esse jeito de pensar...). A fluência da linguagem sincopada do samba é um tanto desconfortável para quem não tem essa vivência cultural e, por isso, foi preciso escrever de uma forma mais “básica”, sem maiores detalhes.

No próprio disco do Kolina, que você mencionou, usamos essa partitura. Porém, ouvindo o resultado, percebe-se muita coisa que não está escrita. Há um suingue na interpretação do coro, que vem da agógica, da dicção, do fraseado, da micro-dinâmica, etc. De certa forma, tratamos o que está no papel apenas como um roteiro, uma direção. Nem mesmo o piano foi utilizado. Convidei o guitarrista Rodrigo Affonso, o percussionista Fabiano Salek (que gravou vários instrumentos) e o baixista Joel Salles, que tiveram uma grande liberdade para sugerir e experimentar. Alguns detalhes foram criados já no próprio estúdio. Gosto de pensar que no final das contas, música é o som que a gente faz; a partitura é só papel e tinta.

Como te disse, nosso papo me fez “viajar no tempo”. Fiquei feliz em te reencontrar, mesmo que à distância, e lembrar dessa música. Acabei de buscar, no Google, algumas gravações dessa peça para listar aqui, cada uma com seu jeito. Mas são tantas que desisti. Acho que deveríamos fazer uma outra parceria, hein? Agora escrita por dois coroas em tempos de pandemia. É só você mandar a canção.

Forte abraço. Se cuide e fique em casa.

